



GEOGRAFIA ESCOLAR E AS TEMÁTICAS FÍSICO-NATURAIS NA BNCC: (DES)CAMINHOS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

School Geography and physical-natural themes at BNCC: (mis)paths to meaningful learning

Pedro Júlio de Castro Filho

Professor da Educação Básica do Estado do Ceará. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (PROPGEU/UVA)
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5295-2455>
jcastrinho14@gmail.com

Francisco Nataniel Batista de Albuquerque

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (PROPGEU/UVA) e da Licenciatura em Geografia do Instituto Federal do Ceará (IFCE)
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8588-2740>
nataniel.albuquerque@ifce.edu.br

Artigo recebido em set/2023 e aceito em dez/2023

RESUMO

Este estudo almejou analisar como o ensino das temáticas físico-naturais está inserido na Geografia Escolar nos anos finais do Ensino Fundamental, tendo como objeto de estudo o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), através de uma pesquisa documental. Ficou evidente que as temáticas físico-naturais na disciplina de Geografia ainda se encontram muito enraizadas em uma perspectiva conservadora, analítica e descritiva, distanciando-se das realidades e contextos dos alunos, contribuindo para seu afastamento no âmbito escolar. Compreendemos que a BNCC tem como finalidade servir como um referencial de apoio na reformulação dos currículos escolares brasileiros, na tentativa de unificação do ensino, e que o reflexo destas orientações ficam sob responsabilidade de cada instituição escolar em adaptá-las à sua realidade como resposta às problemáticas em que estão inseridas. De todo modo, refletimos que a BNCC por si só não é capaz de definir os caminhos que a educação escolar pode seguir, uma vez que, para a conquista dessas competências e habilidades, é necessária a intermediação do professor na seleção e na organização de conteúdos dentro das atribuições de cada componente curricular. Nesse sentido, enfatizamos a necessidade de uma abordagem significativa e contextualizada dentro do ensino de Geografia que aproxime os alunos da realidade vivenciada e os ajude a perceber o seu contexto e suas relações com os conteúdos das temáticas físico-naturais

Palavras-chave: Físico-naturais; Geografia Física; Ensino de Geografia.

ABSTRACT

This study aimed to analyze how the teaching of physical-natural themes is inserted in School Geography in the final years of Elementary School, having as its object of study the document from the National Common Curricular Base (BNCC) (BRASIL, 2017), through documentary research. It was evident that physical-natural themes in the Geography discipline are still very much rooted in a conservative, analytical and descriptive perspective, distancing themselves from the students' realities and contexts, contributing to their distancing from the school environment. We understand that the BNCC aims to serve as a support reference in the reformulation of Brazilian school curricula, in an attempt to unify teaching, and that the reflection of these guidelines is the responsibility of each school institution in adapting them to their reality in response to the problems in which they are inserted. In any case, we reflect that the BNCC alone is not capable of defining the paths that school education can follow, since, in order to achieve these skills and abilities, the teacher's intermediation is necessary in the selection and organization of content. within the responsibilities of each curricular component. In this sense, we emphasize the need for a meaningful and contextualized approach within the teaching of Geography that brings students closer to the reality they experience and helps them understand their context and their relationships with the content of physical-natural themes.

Keywords: Physical-natural; Physical geography; Teaching Geography.

1. INTRODUÇÃO

Neste estudo, tivemos o objetivo de analisar como a abordagem das temáticas físico-naturais encontra-se estruturada nos objetos de conhecimento específicos da Geografia Escolar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dos anos finais do Ensino Fundamental (BRASIL, 2017). Tal documento foi regulamentado através do Plano Nacional de Educação (PNE) e redigido em 2014, mas somente homologado pelo Ministério da Educação (MEC) no final de 2017, após debates envolvendo representantes de todas as partes do país para tratar da criação de um documento com a finalidade de uniformizar o currículo nacional, considerando as competências essenciais ao aprendizado dos alunos (PERONI; CAETANO; LIMA, 2017).

Diante desse documento, a disciplina de Geografia encontra-se estruturada dentro da área das Ciências Humanas e é preciso frisar que esta é vista e posta nos currículos escolares atualmente, baseando-se em contribuições científicas de dois grandes ramos que são: (1) Geografia Física (particularmente abordada, no ensino básico, através das temáticas físico-naturais) que tem o foco direcionado na compreensão e na análise da dinâmica dos elementos físico-naturais, suas interações e características; (2) Geografia Humana, inclinada no estudo das relações da sociedade com o espaço geográfico (BRASIL, 2017).

Na BNCC, ambas aparecem de modo vinculado, a partir das recomendações impostas por ela, o que contribui para uma compreensão integrada deste componente específico. Além disso, a Geografia Escolar, especialmente no que se refere ao estudo das temáticas físico-naturais, é considerada por muitos estudantes como uma disciplina que não é capaz de estimular o interesse e a motivação, sendo vista muitas das vezes como desnecessária para a aprendizagem e/ou insignificante,

pois não consegue associar-se à realidade dos educandos, restringindo-se apenas a lançar conteúdos que não serão utilizados em suas vivências (CAVALCANTI, 2012). Nesse sentido, são variados os debates que giram em torno destas temáticas e o seu papel na formação discente, uma vez que, através delas, é possível ao aluno o contato com os conceitos e estratégias sobre o meio físico-natural, e principalmente relacioná-los à realidade em que vivem (NUNES, 2015).

Cavalcanti (2003) destaca que a Geografia enquanto ciência e matéria formam uma unidade, mas não são idênticas. Da mesma forma, mas no tocante à Geografia Física e aos conteúdos a ela relacionados no currículo escolar, Suertegaray (2018) ressalta que, na Educação Básica, não ensinamos Geografia Física, mas a natureza enquanto uma dimensão constituinte do espaço geográfico, o que Morais (2011) denomina de temáticas físico-naturais e Morais e Ascensão (2021), de componentes físico-naturais da Geografia escolar.

É importante salientar que a aprendizagem significativa, a partir dos pressupostos levantados por David Ausubel, tem o propósito de que o conhecimento deve associar-se ao aluno em uma concepção integrada, fazendo com que este possa aproveitar tais conhecimentos para o uso em sua realidade, com a finalidade de transformá-la (MOREIRA; MANSINI, 2008). A partir dessa realidade, levantamos o seguinte questionamento: de que forma a abordagem das temáticas físico-naturais, tal como aparece na BNCC, pode contribuir para a aprendizagem dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental? Desse modo, ressaltamos que é de suma importância verificar o espaço destinado ao estudo dos componentes físico-naturais e a maneira como estes se desenvolvem dentro da BNCC para que se possa compreender os caminhos que o ensino de Geografia segue no contexto escolar.

Neste estudo, nossa intenção foi sustentar alguns argumentos que, de algum modo, não têm o intuito de exaurir as discussões relacionadas ao ensino das temáticas físico-naturais no currículo escolar, mas que pretende fomentar outros questionamentos diante da relevância e da necessidade de se pensar o ensino de Geografia, aproximando-a de uma abordagem significativa, como uma possibilidade de melhorias na Educação Básica.

2. METODOLOGIA

Os estudos de Bortoni-Ricardo (2011) subsidiam a caracterização desta pesquisa que se concentra em configurá-la como um estudo qualitativo, uma vez que pode se considerar os fatos de caráter subjetivo, sob uma ótica analítica, levando em conta os reais acontecimentos. Trata-se ainda de uma pesquisa descritivo-explicativa, no que se refere aos seus objetivos, visando a busca de informações para diagnosticar, registrar, relatar os acontecimentos e as problemáticas da forma como se encontram na realidade (MARCONI; LAKATOS, 2009).

Utilizamos a análise documental como procedimento técnico desta pesquisa, a qual se deteve sobre o documento da BNCC (BRASIL, 2017) e, mais especificamente, ao componente curricular da Geografia dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). A análise documental constitui um método valioso na complementação de informações acerca de um objeto de estudo e no descobrimento de novos aspectos relacionados a ele (FLICK, 2009). Para atender às finalidades deste estudo, empregamos a técnica da análise de conteúdo que visa processar as informações acerca do objeto de estudo, enfatizando o conteúdo das mensagens (BARDIN, 2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, são apresentadas algumas considerações oriundas da análise do documento da BNCC para o componente curricular da Geografia, no que se refere às temáticas físico-naturais. Aqui apresentamos e discutimos os resultados obtidos em nosso estudo, cujos dados coletados foram analisados utilizando métodos científicos reconhecidos para garantir a precisão e a confiabilidade dos resultados.

As reflexões propostas a seguir giram em torno de como o componente curricular da Geografia está contido no documento, relacionando as temáticas físico-naturais, a partir de uma perspectiva significativa. A discussão desses resultados nos permite interpretar as descobertas à luz de teorias existentes e pesquisas anteriores, proporcionando uma compreensão mais profunda do assunto. Em síntese, os resultados deste estudo contribuem para o corpo de conhecimento existente e fornecem insights valiosos para pesquisas futuras.

3.1. A abordagem das temáticas físico-naturais na BNCC

A Geografia Escolar vem se modificando no decorrer dos tempos, à medida em que a sociedade passa por transformações e avanços científico-tecnológicos em vários segmentos, os quais são frutos das múltiplas relações humanas com o meio natural, sendo essenciais para se compreender a grande complexidade que existe e as variadas formas de analisar e interpretar o espaço geográfico, na tentativa de levar para a sala de aula métodos diferenciados e cada vez mais atualizados, visando a qualidade do ensino (OLIVEIRA JÚNIOR, 2009).

São justamente estas transformações na dinâmica sociedade-natureza que impulsionam a necessidade de adaptação e reformulação do currículo da Geografia Escolar que, de certo modo, se refletem na construção dos documentos norteadores que orientam o ensino deste componente específico (OLIVEIRA, 2003).

No ensino de Geografia, as temáticas físico-naturais englobam o estudo da natureza e sua dinâmica, em busca da compreensão do espaço geográfico, ressaltando a importância desses

componentes e suas interações (SUERTEGARAY; NUNES, 2001), e à medida em que a ação antrópica atinge agressivamente essa dinâmica, contribuindo para a deterioração desses elementos ao longo do tempo, é que se torna relevante que esse ensino seja destacado nas escolas (CALLAI, 2001). Entretanto, muitas escolas reproduzem tais conceitos de maneira superficial e desvinculada do contexto dos alunos, estando a causa relacionada a muitos fatores como as orientações curriculares, a formação docente, o planejamento escolar, as condições e recursos, dentre outros associados (OLIVEIRA, 2006).

Exemplo disso são as inconsistências entre a abordagem dos conceitos de bioma (cunho biológico) e domínio morfoclimático (cunho geográfico) pelos professores de Geografia em pesquisa realizada nas redes sociais por Albuquerque et al. (2022), onde se evidencia a preocupação com a secundarização do conceito de domínio morfoclimático e a redução do seu potencial explicativo acerca das paisagens brasileiras na Geografia Escolar.

Os componentes físico-naturais, em muitos aspectos, são tratados sob uma perspectiva analítica e descritiva, reforçando uma visão naturalista sobre os conteúdos a que se destina e essa abordagem acaba por tornar este ensino cada vez mais desassociado com as experiências e vivências dos alunos, contribuindo significativamente para seu distanciamento (MORAIS, 2011).

No documento da BNCC, são colocadas algumas orientações para a abordagem deste ensino no currículo da Geografia Escolar, onde as unidades temáticas que mais se destacam nesse processo são: (1) Conexões e escalas e (2) Natureza, ambientes e qualidade de vida. No 6º ano, as principais habilidades envolvidas com as temáticas físico-naturais no componente curricular específico da Geografia estão inseridas na primeira, através do objeto de conhecimento Relações entre os componentes físico-naturais as quais são:

(EF06GE03) Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos.

(EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.

Além disso, observamos que a segunda unidade temática detém a maior parte das habilidades relacionadas com a abordagem dos elementos físico-naturais nos anos finais do Ensino Fundamental. Esta unidade volta-se para a relação entre os conceitos geográficos e o diferentes ambientes, cada um com suas particularidades e potenciais, proporcionando o estudo acerca dos processos que ocorrem nesses ambientes e sua dinâmica natural (BRASIL, 2017). Com base nisso, verificamos algumas das principais habilidades mencionadas no documento:

7º ano – (EF07GE11) Caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no território nacional, bem como sua distribuição e biodiversidade (Florestas Tropicais, Cerrados, Caatingas, Campos Sulinos e Matas de Araucária).

8º ano – (EF08GE23) Identificar paisagens da América Latina e associá-las, por meio da cartografia, aos diferentes povos da região, com base em aspectos da geomorfologia, da biogeografia e da climatologia.

9º ano – (EF09GE16) Identificar e comparar diferentes domínios morfoclimáticos da Europa, da Ásia e da Oceania.

O uso dos verbos nas habilidades pretendidas na BNCC nos anos finais do Ensino Fundamental revela que existe uma grande relação das orientações do referido documento com métodos puramente analíticos e procedimentais que acabam por levar o ensino deste componente específico à reprodução de práticas que se distanciam da concepção da Geografia Crítica, a qual repensa a questão da organização espacial, indo além de métodos descritivos e de encontro a uma perspectiva dialética no pensamento geográfico (MORAES, 2005).

Muito embora a BNCC mencione que o ensino de Geografia deva ser trabalhado a partir de uma concepção integrada, não observamos essa consistência no destrinchar das orientações para o componente curricular específico, especialmente relacionado às temáticas físico-naturais. A própria BNCC reforça esse fator através destas habilidades que se dirigem a um ensino sistematizado e extensivo, considerando-o como meramente conservador, em que se detém apenas a analisar, identificar, descrever, caracterizar e etc., mas que não se detém a orientá-lo, visando a criticidade do aluno e a reflexão destes sobre a dinâmica dos componentes físico-naturais.

Apesar dessas considerações impostas sobre a estrutura da Geografia Escolar na BNCC, especialmente no que tange aos componentes físico-naturais, fica claro a maneira que a Geografia Escolar está sendo sugerida ao ensino básico, mas não é possível, a partir disso, definir como a abordagem destas temáticas serão recebidas nas escolas, uma vez que o documento se permite a orientar – e não modificar – o currículo escolar, sendo responsabilidade de cada uma, o modo como venham a trabalhar tais conteúdos em sala de aula.

3.2. O ensino de Geografia no caminho para uma Aprendizagem Significativa: um olhar voltado para as temáticas físico-naturais

No universo da Educação ocorrem muitas transformações que implicam nos processos de ensinar, nos conteúdos, nos métodos avaliativos, nas estratégias didáticas, à medida que surgem novas necessidades e prioridades, sendo atribuído aos professores o trabalho de encarar essas adaptações, com o intuito de manter os seus alunos informados acerca das mudanças que ocorrem no conhecimento e na realidade em que estão inseridos (GADOTTI, 2001). Além disso, ressaltamos que quanto mais se discute acerca da vinculação do ensino à realidade discente, mais este se torna distante nesse processo, servindo, nessa perspectiva, como apenas um amontoado de conteúdos que não terão significância no cotidiano dos alunos.

Consideramos que, não é pelo fato do ensino das temáticas físico-naturais buscar estudar seu objeto de estudo, através da análise e da observação, que se deva fazê-lo apenas por esse viés, já que existe uma diversidade de estratégias em que a abordagem dos componentes físico-naturais pode se apoiar, levando à compreensão dos alunos e o envolvimento deles nesse processo. Além do mais, acreditamos que ensinar Geografia, em uma perspectiva significativa, possa abarcar maior abrangência do conhecimento, em que não somente os professores podem utilizar os relatos dos alunos e associá-los ao que se pretende estudar, mas também os alunos podem perceber como tais conteúdos estão dissolvidos em muitos aspectos de sua vida, sendo essenciais à aprendizagem.

Outro ponto importante que precisamos destacar é a relevância e a problematização, a partir dos componentes físico-naturais, que precisam ser fortemente estimuladas no processo de ensino-aprendizagem, despertando o aluno à curiosidade, à inquietação e ao envolvimento nessa abordagem.

Corroboramos com Morales (2006), ao considerar que a relação professor-aluno é um dos fatores preponderantes para a efetividade do ensino-aprendizagem na escola, de forma que o domínio de conteúdo não pode ser reconhecido como o único condicionante central nesse processo e torna-se relevante que o professor não apenas atribua valor ao conteúdo, mas, sobretudo, promova o envolvimento ativo do aluno, através do estímulo e da motivação externa, não se tornando apenas um transmissor de conteúdos. Ademais, Cavalcanti (2003, p. 148) enfatiza que “levar em conta o mundo vivido dos alunos implica apreender seus conhecimentos prévios e sua experiência em relação ao assunto estudado”, o que acaba por criar um intercâmbio de conhecimentos na sala de aula que são valiosos na construção de conceitos.

O modo com que o ensino de Geografia está sendo colocado nas escolas, utilizando uma torrente de informações contidas nos currículos, tornam distanciados a experiência e o pensamento crítico e este fator pode ser percebido facilmente pela dificuldade do aluno em fazer a relação da teoria desenvolvida em sala de aula à sua vivência, não reconhecendo o conhecimento científico em situações cotidianas (ANTUNES, 2001). Além disso, existe o desafio de tornar este ensino prazeroso, instigante, interativo, dialógico e baseado em atividades que são capazes de persuadir os discentes a aceitar as explicações científicas (MENDES, 2012).

Parte desse desafio passa pela adoção de recursos didáticos que estimulem a capacidade reflexiva dos alunos com base na educação científica. Nesse contexto, Albuquerque (2023) propõe a utilização de modelos didáticos concretos tridimensionais estáticos e dinâmicos para a abordagem de diferentes conteúdos das temáticas físico-naturais na Geografia Escolar, a partir de uma perspectiva contextualizada, interativa e intuitiva.

Nesse sentido, ressaltamos que está cada vez mais necessário fugir da padronização do ensino, em busca do estímulo à criticidade e à reflexão dos alunos, pois cada um possui uma maneira diferente

de ver e agir no meio social e natural, além de o professor reagir sempre que achar necessário às formas de ensino automatizadas substanciadas no paradigma socioeducativo ao qual a Educação está inserida, isto é, o de apenas ensinar e aprender, deixando de lado a possibilidade de compreender, conhecer e de experienciar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, fomos possibilitados a analisar como o ensino de Geografia se encontra diante da BNCC, a partir das temáticas físico-naturais e em como esta abordagem pode contribuir na aprendizagem dos alunos nos anos finais do Ensino Fundamental. De fato, não tardamos a observar que os aspectos físicos-naturais no ensino de Geografia presentes na BNCC estão articulados de maneira descritiva e conservadora, distanciando-se das concepções de um pensamento geográfico crítico, essencial nos dias atuais.

Compreendemos que a BNCC tem como finalidade servir como um referencial de apoio na reformulação dos currículos escolares brasileiros, na tentativa de unificação do ensino, e que o reflexo destas orientações ficam sob responsabilidade de cada instituição escolar em adaptá-las à sua realidade como resposta às problemáticas em que estão inseridas. De todo modo, refletimos que a BNCC por si só não é capaz de definir os caminhos que a educação escolar pode seguir, uma vez que, para a conquista dessas competências e habilidades, é necessária a intermediação do professor na seleção e na organização de conteúdos dentro das atribuições de cada componente curricular.

O retorno das escolas ao que sugere a BNCC pode acontecer de variados modos, pois são muitos os fatores que estão inseridos nesse processo como a formação docente, a proposta institucional, divergências políticas, sociais, econômicas, condições, recursos, dentre outros que agem sobre as práticas pedagógicas como um todo. Nesse sentido, acreditamos que as escolas, ao tornar o ensino das temáticas físico-naturais integrado à realidade dos alunos, através da perspectiva de uma aprendizagem significativa, atribui a esses conteúdos e às recomendações da BNCC um potencial maior na formação de indivíduos para atuar na sociedade e na transformação de suas realidades.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, F. N. B. Modelos didáticos concretos tridimensionais: definição e classificação aplicadas ao ensino de Geografia Física e dos componentes físico-naturais da Geografia escolar. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, n. 110, p. 164–188. 2023.
- ALBUQUERQUE, F. N. B. et al. Os conceitos de bioma e domínio morfoclimático nas videoaulas de Geografia: abordagens e desafios. **Revista Tamoios**, v. 18, p. 170-184, 2022.

ANTUNES, C. **A sala de aula de Geografia e História: inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia a dia.** São Paulo: Papirus, 2001. 192p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011. 288p.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador – introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola, 2011. 136p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017.

CALLAI, H. C. A Geografia e a Escola: Muda a Geografia? Muda o Ensino? **Revista Terra Livre**, n. 16, p. 133-152, 2001.

CAVALCANTI, L. de S. **O ensino de geografia na escola.** Campinas: Papirus, 2012. 208p.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas: Papirus, 2003. 192p.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 408p.

GADOTTI, M. **Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório.** São Paulo: Cortez, 2001. 184p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MENDES, L. P. **Ensino de Geografia: cotidiano, práticas e saberes.** Goiás. 2012.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica.** São Paulo, Annablume, 2005.

MORAIS, E. M. B. de. **O ensino das temáticas físico-naturais na Geografia escolar.** 2011. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MORAIS, E. M. B.; ASCENSÃO, V. O. R. Uma questão além da semântica: investigando e demarcando concepções sobre os componentes físico-naturais no Ensino de Geografia. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 41, p. 1-25, 2021.

MORALES, P. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz.** Tradução de Gilmar Saint'Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 2006.

MOREIRA, M.; MASINI, E. F. **Aprendizagem significativa: condições para ocorrência e lacunas que levam a comprometimentos.** 1. ed. São Paulo: Vetor, 2008. 296p.

NUNES, J. O. R. et al. A influência dos métodos científicos na Geografia Física. **Terra Livre**, v. 2, n. 27, p. 121-132, 2015.

OLIVEIRA, A. U. D. **Para onde vai o ensino de geografia?** 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 144p.

OLIVEIRA, M. M. A geografia escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**, Santa Catarina, v. 2, p. 10-24, 2006.

OLIVEIRA JR, W. M. de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografia menores. **Proposições**, Campinas, v. 20, n. 3. 2009.

PERONI, V.; CAETANO, R. M.; LIMA, P. Reformas educacionais de hoje as implicações para a democracia. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 21, p. 415-432, 2017.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia Física na Educação Básica ou o que ensinar sobre natureza em Geografia? (Os referenciais teórico-metodológicos da Geografia Física respondem ao ensino de Geografia na Educação Básica?). In: MORAIS, E. M. B.; ALVES, A. O.; ASCENSÃO, V. O. R. **Contribuições da Geografia Física para o ensino de Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2018. p. 13-32.

SUERTEGARAY, D. M. A.; NUNES, J. O. R. A natureza da Geografia Física na Geografia. **Terra Livre**, v. 2, n. 17, p. 11-24, 2001.